

Nº 07 • ANO III • R\$ 3,00

# VISAGENS, ASSOMBRAMENTOS e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA



## MAIS:

- Visagens na Feira do Livro
- Deu no Jornal...!
- Publicações Inspiradas em "Visagens"...

- Pacto com o Diabo (PORTEL - PARÁ)
- Suzy e o Curupira (SANTA BÁRBARA - PARÁ)
- A Cobra Grande de Barreira do Tapará (SANTARÉM - PARÁ)
- A Despedida (SANTARÉM - PARÁ)
- Malinação de Boto (SANTARÉM - PARÁ)

# WALCYR MONTEIRO

Vamos lá pessoal!  
Uma pose bem bonita  
para o novo número  
da revista.



Walcyr Monteiro no traço de Ruma

Para Maria e Márcio Kwanaga Monteiro  
o nº 7  
de

# VISAGENS, ASSOMBRACÕES e ENCANTAMENTOS da AMAZÔNIA



Com a ajuda de  
João Bente  
Walcyr Monteiro  
Manaus, Outubro  
2002



"As lendas são a poesia do povo; elas correm de tribo em tribo, de lar em lar, como a história doméstica das idéias e dos fatos; como o pão bento da instrução familiar.

... mas o povo crê, e não convêm destruir as fábulas do povo.

... Este cultivo dos mitos, não é, talvez, o aguardar laborioso das verdades eternas?"

Machado de Assis

"Os Imortais", publicado em 18 de setembro de 1859 em O Espelho.

AMM  
1405

Banca de Revista

# News Time

ACEITAMOS CHEQUES PRÉ-DATADOS  
E CARTÕES DE CRÉDITO

IGUATEMI - 1º Piso  
Telefone: (091) 250-5338

IGUATEMI - 3º Piso  
Telefone: (091) 250-5574  
Abrimos aos domingos e feriados

REVISTAS

# Ver-o-Pará e Nosso Pará

MANEIRA GOSTOSA DE  
CONHECER NOSSA REGIÃO

Quando viajar por via fluvial, não jogue garrafas,  
latas e outros detritos no rio.

Vamos preservar o meio ambiente!

Afinal, o rio não é lixeira...

O Boto, a Cobra Grande, a Iara e demais seres  
encantados e viventes aquáticos agradecem!

## Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia

Publicação de WALCYR MONTEIRO.

Editor: WALCYR MONTEIRO - Reg. nº 48-DRT-PA.

Ilustrações das Histórias: Ruma • Capa: Augusto Henrique (com ilustrações de Ruma e João Bento)

Digitação e revisão: Paulo Maués Corrêa • Editoração Eletrônica: Augusto Henrique

Impressão: Gráfica Smith • Correspondências: Caixa Postal 1563 - Belém-PA - CEP: 66017-970

Fone: (091) 222-3384 • e-mail: walcyr@supridad.com.br



# Bate-papo com o leitor

Ufa! Que trabalho para fazer sair este número sete. Telefonemas e mais telefonemas para minha casa, sem falar das perguntas em shoppings, supermercados, nas ruas etc. - Quando é que sai o nº 7? Eu já sem saber o que responder... A verdade é que uma série de contratempos e problemas não permitiram que saísse antes! Mas aí está em suas mãos, caro leitor! E espero que o nº 8 não demore tanto assim...

Mas, se por um lado demorou, de outro acho que valeu a pena esperar: este número vem trazendo histórias muito paid'éguas, em bom paraensês! Olhe só: Pacto com o Diabo, acontecida em Portel, em que uma mulher... êpa, assim não tem graça, não é mesmo? É melhor só dizer os títulos. Então lá vai: depois de Pacto com o Diabo, você sai de Portel e vai até Santa Bárbara ver o encontro de Suzy e o Curupira; depois seguirá para Santarém e aí verá A Cobra Grande de Barreira do Tapará, A Despedida e Malinação de Boto. Tem mais: em Deu no Jornal lerá as visagens e assombrações da Escola Normal; em Visagens na Feira conhecerá nossas atividades na III Feira Panamazônica do Livro; em Palestras verá o charme com que os professores estão coordenando seus alunos e desenvolvendo magníficos trabalhos como também conhecerá outras Publicações Inspirados em "Visagens..." Finalmente, em Viagens - Agradecimentos ficará a par de onde este amigo tem andado e poderá imaginar de onde virão futuras histórias...

Ufa! de novo! Terminei. Ah! Ia esquecendo: aguarde para breve o lançamento da 3ª edição de "Visagens e Assombrações de Belém". Vai sair quentinha das máquinas.

Agora terminei mesmo. Até o nº 8, que torço para sair logo, e receba o abraço caboclo do

*Walcyr Monteiro*

**ILUSTRAÇÕES** – São de autoria de RUMA ( Rui Mário de Cruz Albuquerque), caboclo de Belém do Grão Pará, 44 anos. Trabalha como Analista de Marketing no Banco da Amazônia – BASA e é professor de Pintura da Fundação Curro Velho e do Instituto de Arte do Pará – IAP.

Como pintor, RUMA participou de várias exposições, sendo as principais:

**INDIVIDUAIS** – 1992 • “Baralho a Quadro” • Palácio das Artes, Belo Horizonte/MG; 1994 • “Baralho a Quadro” • Galeria Theodoro Braga • CENTUR • Belém/PA; 1998 • “Ao Quadrado” • Galeria de Arte da UNAMA • Belém/PA.  
**COLETIVAS** – Salões e Exposições em São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Manaus, Santarém, Santos, Portugal e Alemanha e ainda diversos Salões Arte-Pará e Pequenos Formatos-UNAMA.

Algumas de suas obras fazem parte do acervo do Museu de Arte do Estado do Pará e do Museu de Arte de Belém.

**PRÊMIOS** – 1987 • Aquisição • V Salão da Ferrovia - Rio de Janeiro/RJ; 1993 • Aquisição • XII Salão Arte-Pará - Belém/PA; e 1999 • Aquisição • V Salão de Pequenos Formatos da UNAMA - Belém/PA.

**OUTROS TRABALHOS** – Ilustrou os livros O Pato, de Agildo Monteiro – CEJUP, e A Casa Grande de Meus Pais, de Orlando e Hernan Souza Filho, edições do Banco da Amazônia S.A. - BASA.

Ruma é mais um caboclo papa-chibé que destaca o nome do Pará e da Amazônia onde quer que vá, e que agora nos honra com suas ilustrações.

---

Na hora de viajar de férias,  
antes de conhecer outras regiões,  
conheça a Amazônia.

Viaje pelo interior do Pará, vá ao Amapá,  
ao Amazonas, ao Acre, a Roraima e a Rondônia!

---

# Pacto com o Diabo

Histórias de visagens e assombrações são inúmeras vezes relatadas em jornais. Em outras situações chegam mesmo a se tornar objeto de registros policiais. No livro "Visagens e Assombrações de Belém" estão publicadas as duas situações: há uma história em que é feita queixa contra uma Matinta Perera ("A Matinta Perera do Acampamento") e documentário de notícias jornalísticas ("Misteriosas Pedradas Aterrorizam Conjunto Residencial Coohatube" e "Alma Penada Avisou "Maria Pongá" Sobre a Morte do ex-Amante").

Por isso não me causou surpresa encontrar em Portel a Ficha de Ocorrência Policial cuja essência se encontra nos trechos abaixo:

Francisco Alves Figueiredo, paraense, braçal, de 19 anos, residente no bairro da Cidade Nova, em Portel, compareceu "nesta Delegacia de Polícia para comunicar que na noite do dia 29 e 30 de julho de 1997, por volta das 22:30 horas, quando encontrava-se em sua casa deitado em uma rede foi atacado por um animal que parecia ser um morcego gigante de mais ou menos dois (02) metros de altura, estando todo de veste preta". Na ocorrência a vítima relata ainda que na primeira noite o atacante entrou em sua casa pela coberta de palha e na segunda pela janela lateral;

que lutou com o estranho ser e foi arranhado no ante-braço direito; que tirou a máscara do atacante, tendo o mesmo cabelos loiros e compridos, olhos azuis, magro e cor clara. Foi ainda dito que no mesmo dia do ataque ao comunicante (o Francisco, no caso) o "suposto morcego atacou a senhora Selma Vieira Machado, 27 anos" etc. e finalmente que "Isto posto, registra-se para fins de Direito..."

A partir do momento em que li a Ficha de Ocorrência, procurei mais detalhes com várias pessoas e não haveria espaço aqui para narrar tudo o que foi ouvido. Mas destaco o relato do investigador de carreira da SEGUP, Luís Alberto de Jesus Paraense, que, em síntese, disse o seguinte: na verdade quem sofreu mais com os ataques do "morcego gigante" foi a senhora Selma, que ao ir beber água ouviu um "PUF" e sentiu como que uma presença em sua casa. Ao procurar, viu um estranho ser, que procurava agarrar o filho dela, ainda criança. Ela, a senhora Selma, pegou um terçado e foi para cima do ser, dando várias terçadadas. Porém, o terçado, ao bater no ser, fazia "teim, teim, teim" como se fosse em ferro e nem ao menos conseguia lesionar o ser, que contudo foi embora. A casa ficou toda marcada por golpes de terçado, fato constatado pelos policiais encarregados de investigar.

O ataque voltou a se repetir, envolvendo inclusive o vizinho (Francisco) que tentou intervir, acabou sendo atacado e resolveu comunicar a ocorrência à polícia, que pouco pôde fazer...

Entretanto, a história real e o seu desfecho já é contada por



Telma Fonseca Santana, residente também no bairro da Cidade Nova e funcionária da Prefeitura Municipal de Portel.

Segundo Telma, a verdadeira história (contada depois pela própria Selma Vieira Machado) é que Selma sofria um problema na perna. Querendo ficar boa de qualquer maneira, fez um pacto com Satanás: se ficasse boa, teria relações sexuais com ele (Satanás). Foi atendida no que pediu, mas quando o Diabo apareceu exigindo o cumprimento do pacto, ela teve medo e não quis. Aí, o Satanás ficou perseguindo para que ela cumprisse a sua parte no trato, e ela, tendo medo e não querendo transar com Satanás, inventou a história de que era atacada por um grande morcego... Mas Satanás não dava folga e continuou a perseguição, até que Selma, não agüentando mais, resolveu contar a verdade para os vizinhos, que viviam sobressaltados com os estranhos ataques... Depois que Selma confessou que tinha feito o pacto com Satanás e que não cumpriu a sua parte, não mais voltou a ser atacada. Ou seja, o Diabo a desmascarou. Afinal, na Amazônia não há registro do aparecimento de Drácula, que é da Transilvânia, ou de outros aparentados, vampiros ou não...

Agora, se você duvida desta história, vá a Portel e procure na Delegacia de Polícia local a Ficha de Ocorrência nº 62650, de 01 de agosto de 1997, e poderá tirar suas dúvidas...

**NOTA:** Em 1997, a convite do Dr. Rogério Paiva, então diretor do Hospital de Portel, e contando com o apoio do prefeito municipal Elquias Monteiro, estive naquele hospitaleiro Município, ocasião em que proferi palestras na Escola Paulino de Brito e coletei algumas histórias, inclusive a aqui narrada.

# Suzy e o Curupira

- O senhor já viu o Curupira?

- A pergunta, feita à queima-roupa, quase me deixa embaraçado.

Afinal acabara de falar sobre lendas, mitos, visagens, assombrações e encantamentos da Amazônia no auditório do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Icoaraci. Na palestra descrevera os seres fantásticos que habitam nossas selvas, rios, igarapés, furos, paranás, lagos, enfim nossa portentosa Região, entre eles, dando-lhe destaque, o Curupira, a Mãe do Mato, pela sua marcante atividade ecológica, a proteger a selva e seus habitantes de maus caçadores e madeireiros. Procurei ganhar tempo.

- Como disse?

- O senhor já viu pessoalmente o Curupira?

Apesar de já ter viajado em muitos rios, de ter penetrado em matas virgens no interior do Pará e de quase toda a Amazônia, para tristeza minha, não, eu nunca tinha me encontrado ou ao menos visto de longe o famoso defensor das florestas. E foi um tanto constrangido que respondi.

- Não, nunca vi o Curupira. As descrições que faço são aquelas que ouço das histórias que me contam.

- Pois eu já vi!

A moça falou com certo orgulho, o orgulho natural de ter visto ao vivo o ser do qual eu, o palestrante, falara, mas não conhecia.

- E quando e onde foi? perguntei curioso.

- Ah! Já faz algum tempo! Eu só tinha nove anos de idade...

E Suzana Maria Santos de Souza, mais conhecida por Suzy, 20 anos, aluna do 2º grau do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, vai contando como aconteceu.

- Nasci em Belém. Mas minha família possui uma fazenda de nome Candeua, no atual Município de Santa Bárbara, onde brincava muito com meus primos Eraldo, de 14 anos, e Tiago, de 8 anos.

Nesse dia - e já se vão onze anos, pois foi em 1987 - meus primos iam tomar banho numa cachoeira existente na fazenda, mas que era muito distante da casa principal. Desobedecendo minha mãe, D. Lídia, que tinha proibido de ir, fugi e acompanhei meus primos. Aí seguimos por uma trilha dentro da mata para chegar à cachoeira. Íamos cantando e brincando. Já tínhamos andado mais de um quilômetro quando escutamos um barulho como que de passos amassando folhas secas. Paramos. Olhamos em todas as direções e nada vimos. Apenas a sensação de estarmos sendo observados...

Suzy fez uma pausa, procurando reviver o momento.

- Senti muito medo e meus primos também. Era como se estivessem nos olhando, só que não víamos nada nem ouvíamos nada também. Continuamos andando mais devagar. Já não brincávamos nem cantávamos... e de repente, como que saído do nada, lá estava ele...

Suzy descreve o ser que viram.

- Tinha mais ou menos um metro e meio de altura; cabelos lisos,

como os dos índios, só que mais grossos, e iam até a altura dos ombros, eram pretos porém como se estivessem sujos de terra; olhos bem grandes, redondos, pretos e sem a parte branca; nariz meio chato; a boca normal; a pele... a pele era assim como que esverdeada, de um verde mus-



go, e grossa, rugosa, lembrando a casca das árvores; as pernas e os joelhos eram normais, porém os pés eram voltados para trás... Aí o primo Eraldo gritou:

- É o Curupira...!

Suzy desmaiou.

O pequeno ser não se mexeu do lugar. Seus primos depois contaram que ficou olhando fixamente nos olhos dos dois, ao mesmo tempo. Eles ficaram imobilizados, não conseguiram se mexer, como se hipnotizados estivessem. Ficaram um bom tempo assim. Curupira olhando, Suzy desmaiada, e os dois primos sem poder se mexer. Mas o Curupira não fez nada. Depois de algum tempo, tal como chegara, se foi, entrando na mata...!

Tão logo puderam se mexer, os primos bateram no rosto de Suzy, que continuava desmaiada. Quando retornou a si, Eraldo e Tiago pegaram pela sua mão e retornaram com a pressa que a trilha na mata permitia, quase correndo, e com muito, muito medo...

E Suzy concluiu:

- Fiquei tão apavorada - embora não houvesse até razão pra isto, pois ele não fez mal a ninguém, só ficou olhando - mas tão apavorada eu fiquei que desse dia em diante ficava brincando só perto da sede da fazenda, sem querer mais saber de tomar banho na cachoeira...

E foi assim que vi o Curupira...!

# A Cobra Grande de Barreira do Tapará

Na pachorrenta tarde de domingo, 21 de novembro de 1999, desaba uma torrencial chuva em Santarém. Fico ilhado no City Hotel e puxo conversa com a recepcionista Maria Luíza dos Santos Matos, de 47 anos e que é filha de um lugar chamado Barreira do Tapará, no próprio Município de Santarém.

Conversa vai, conversa vem e Luíza, como é mais conhecida, contou uma história que se passou com seu pai, de nome Almáquio Ricardo de Matos, lá naquele lugarejo mococongo.

" - Tem gente que diz que não acredita em Cobra Grande. Mas ela existe, sim! Aqui na Amazônia tem Cobra Grande e meu pai já se encontrou com uma e saiu vivo por milagre, graças a Deus."

- E como é que foi isto? perguntei.

"- Foi mais ou menos em 1965. Meu pai era agricultor, plantava malva, juta, melancia, gerimum, mandioca, macaxera, estas coisas. Além disto, ele gostava de caçar e de pescar nas horas em que não estava envolvido com a agricultura. Caçava muitas vezes de noite, passando horas e horas, e uma vez foi até atacado por uma onça. Também nas pescarias

ouvira muitas histórias de Cobra Grande, mas não dava bola... Era muito corajoso!

Mas... aconteceu numa noite e toda a coragem de meu pai foi colocada à prova. Era o ano de 1965, época da cheia, setembro/outubro. Ele saiu para uma pescaria no Rio Amazonas, lá defronte de Barreira do Tapará. No que estava pescando, viu aquela coisa enorme, monstruosa, se mexendo no rio. Era a Cobra Grande, com seus enormes olhos como se fossem tochas de fogo. Quando ela sente cheiro de gente, aumenta o seu apetite porque o nosso cheiro para ela, para o seu olfato, para o seu nariz, é como se fosse cheiro de fruta, um aroma perfumado, assim como de melancia, como de manga... Ela tinha sentido o cheiro de meu pai e aí saiu perseguindo ele, provocando um enorme banzeiro nas águas do rio.

Meu pai começou a lembrar de tudo o que tinha ouvido sobre a Cobra Grande. Quantas e quantas histórias! Principalmente a de uma que se desloca da Boca de Alenquer, ou mais precisamente da Boca do Igarapé de Alenquer para a Barreira do Tapará. E começaram a desfilar na sua mente, como num filme muito rápido, os casos de cobra da região: corpos encontrados estraçalhados, corpos devorados sem dó nem piedade, corpos destruídos, corpos de afogados nunca encontrados e ainda todo aquele mistério de pessoas que teriam sido encantadas... Que meu pai era corajoso, isto ele era! Mas naquela situação, vendo aquele monstro querer pegá-lo, quem não sentiria medo? E meu pai, talvez pela primeira vez, soube o que foi sentir medo... Sentindo aquele cheiro de pitiú que a Cobra



Grande exala, um turbilhão de pensamentos lhe passava à cabeça, enquanto remava o mais rápido que podia em direção à beira da praia. E a Cobra Grande produzia aquele banzeiro nas águas, que sacudiam violentamente a sua pequena canoa. Papai dando tudo de si, remando com toda a energia de que dispunha, sentia que a Cobra Grande se aproximava... Olhava de esguelha para trás e via os dois grandes fochos de fogo que eram os seus olhos, enquanto sentia, cada vez mais forte, o pitiú da Cobra...

Já no limite de suas forças, apavorado, embicou a canoa na praia e aí saiu correndo para a terra, enquanto a Cobra, ao perseguí-lo, esbarrou na areia da praia. Aí a areia entrou nas escamas dela e ela parou. Sabe? quando a areia entra nas escamas da Cobra, ela perde totalmente as forças... E foi o que aconteceu! Ela perdeu as forças, não pôde mais perseguir meu pai, porém ficou ali, esperando, esperando... Isto foi até de manhã, quando finalmente ela sentou (desapareceu no fundo do rio) e meu pai pôde sair com vida deste encontro com a Cobra Grande de Barreira do Tapará..."

---

Você assiste televisão?

Escreva para a TV que você assiste  
pedindo programas regionais!

---

Você escuta rádio?

Peça aos radialistas para tocarem  
músicas de autores e cantores  
amazônicos!

---

# A Despedida

Manhã bem cedo de 24 de novembro de 1999. Saio de carro de Santarém acompanhando meu amigo João Miléo, proprietário da Loja Regional Muiraquitã, naquela cidade, com destino a Alter do Chão. Afinal, Miléo, além de vender artesanato da Região, faz também a divulgação de "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia" e tem me dado um apoio muito grande, o que mais uma vez está acontecendo, pois prometeu me apresentar a diversas pessoas que conhecem as histórias desta parte da Amazônia.

E chegando à localidade que tornou conhecido nacionalmente o ÇAIRÉ, uma das mais belas manifestações folclóricas do Norte, apresento-me a D. Neca, como é mais conhecida Ludinéa Gonçalves Marinho, 42 anos, artesã de arranjos florais e naturezas mortas e uma das incentivadoras do folclore local, fazendo mil e uma recomendações para que narrasse as histórias que conhecia, bem como me levasse às demais pessoas que tinham vivenciado ou ouvido falar de encontros com os seres fantásticos.

Muito simpática e bem falante, D. Neca não se fez de rogada. E, após tomarmos um excelente café, perguntou:

- Conheceu o Dr. Fernando Guilhon?

- Sim, conheci. Exerceu várias funções importantes no Estado do Pará, tendo sido governador de 1971 a 1975.

- Pois é ele mesmo! O Dr. Fernando Guilhon era muito querido aqui em Alter do Chão. A comunidade gostava demais dele porque, quando ele vinha aqui, parava na casa de seu Ernestino, de apelido Neco, e de D. Deodora, que a gente chama de Doca, e daí o Dr. Guilhon saía andando com o povo todo atrás. Ele se dava com todo mundo e foi muito bom com todos nós. O senhor viu esta estrada bonita que lhe permitiu chegar até aqui?

- Claro que vi, pois foi por ela que vim...

- Pois foi ele que mandou abrir para nós esta estrada, que tanto agradecemos e devemos a ele. Mas não foi só a estrada, o doutor, como nós chamávamos ele, fez muitas coisas boas por Alter do Chão e por todos nós. E o doutor chegava aqui e se misturava com a gente, com o povo, conversava com um, brincava com outro, tomava café na casa de outro. Quando ele vinha, Alter do Chão parava pra ficar com ele... Ainda não tinha visto um governador assim. Se ficasse um dia, dois dias, o povo tava lá com ele... É bem verdade que depois veio o Jader Barbalho! Mas o primeiro foi o Dr. Guilhon a se misturar com a comunidade...

A esta altura da conversa eu já estava um pouco impaciente. Claro que sabia do prestígio do Dr. Fernando Guilhon não só em Alter do Chão, mas também em Santarém. Sua esposa, Dra. Norma Guilhon, tam-



bém é muito querida e inclusive escreveu o livro "Confederados em Santarém", que fala das famílias de americanos sulistas que para ali haviam emigrado após a Guerra da Secessão, nos Estado Unidos. Mas - pergunta-

va de mim para comigo - o que é que o ex-governador Guilhon tem a ver com as histórias que estou pesquisando?

Como se adivinhasse meu pensamento, D. Neca continuou:

- Como lhe disse, o Dr. Guilhon visitava a todos e não se estranhava quando se via ele dentro das casas. E numa manhã, quando D. Neca estava preparando o café na cozinha da casa dela e arrumando a mesa da varanda pra trazer o café, ela, lá naquele entra-e-sai da cozinha pra a varanda, viu o vulto do doutor passando assim de uma porta pra outra da varanda...

Aí ela parou, olhou na direção da porta, e perguntou pra ela mesma: - Mas será que o doutor tá aqui? E voltou pra cuidar do café. Mal terminou de botar a mesa, quando sentaram pra tomar o café, bateu o sino da igreja, sino anunciando que alguém tinha morrido...! Quando isto acontece, todo mundo sai pro meio da rua pra saber quem morreu. E ela correu também...

Ao chegar defronte da igreja, fica sabendo que o Dr. Guilhon tinha falecido em Belém!

D. Noca até hoje diz que o Dr. Guilhon veio se despedir do seu povo de Alter do Chão, veio avisar que já tinha ido do meio de nós, que já tinha ido deste mundo, que já tinha abandonado a gente aqui...!

# Malinação de Boto

- Eu era garoto ainda, tinha uns dez anos, mais ou menos, quando isto aconteceu. Neste tempo aqui era muito atrasado...

Quem vai falando é João Batista Corrêa, de 57 anos, filho de Alter do Chão, batendo um papo gostoso em novembro de 1999. E continua:

- Eu fui tomar banho no rio. Eram umas 6 pras 7 horas...

Interrompi o seu João: - Eram 6 ou 7 horas?

- Já faz muito tempo. Não me lembro direito. Eram entre 6 e 7 horas...

- Estou perguntando porque, em quase toda a Amazônia, há a crença de que se deve respeitar as *horas* ou as *horas grandes*, ou seja, 6 da manhã, meio-dia, 6 da tarde e meia-noite...

- Olhe, eram mais ou menos das 6 pras 7 horas. Isto de hora respeitada não existe mais aqui. É bem difícil! Antigamente, sim. Meio-dia e meia-noite, 6 da manhã e 6 da tarde eram horas respeitadas até pra andar nas ruas. Mas isto era naquela época, que era tudo atrasado. Agora não. Agora o movimento tá grande e já não aparecem estas coisas... Mas continuando a minha história. Então eu fui tomar banho no rio. Quando

cheguei lá, tinha uma mulher se banhando. Com a minha chegada, ela saiu, foi embora, e eu fiquei.

Quando eu vim de lá, já cheguei em casa com muita febre e dor de cabeça. E que febre! Eu ardia todo...

Tinha um pajé aqui perto, o Izibinho - já até morreu -, e minha mãe mandou chamar ele.

Ele chegou, me examinou, fez as pajelanças dele com tauari e aquelas coisas que os pajés têm. Aí ele disse: - Quando tu chegaste lá, tinha uma mulher, não tinha?

Eu respondi: - Tinha...

E o pajé continuou: - Pois é, ela estava menstruada. O Boto foi atraído por ela. Sabe como é, né? Sempre que mulher menstruada vai na beira do rio, o Boto vem pra atacar... os Botos perseguem a mulher menstruada. Mas como a mulher foi embora, o Boto resolveu te flechar...!

Isto foi o que disse o pajé. Eu não entendo desse negócio de Boto flechar, mas isto é como falam os pajés. E foi o que o pajé Izibinho me disse: que eu tinha sido flechado pelo Boto...! Eu sei que ele fez as pajelanças dele e no dia seguinte eu tava bom!

- Quer dizer que o Boto resolveu se vingar do senhor porque não conseguiu a mulher? perguntei admirado. Afinal, pensei, este era um fato novo para mim: o Boto vai atrás de uma mulher, ela vai embora, e ele resolve flechar um menino...?



2000

- Não, eu acho que não, esclareceu seu João. Ele me pegou ali sozinho e fez isto, né? resolveu me flechar...

Olhe, bem ali tem uma senhora que contou que foi também tomar banho no mesmo lugar. Quando chegou lá, que começou a tomar banho, ela viu aquele Boto. Aí o Boto fazia "afaá" e ela fazia "afaá" também, acompanhando o Boto. E ele "afaá", e ela "afaá" também, e aí foi, foi, foi que quando ela pensou que não, o Boto foi atrás dela, que correu e se escondeu. Depois saiu correndo e o Boto pulando n'água, acompanhando, até ela chegar na casa dela. Ao entrar, já foi com febre alta e dor de cabeça. O mesmo pajé Izibinho, que era avô dela, foi quem tratou. Mas o Boto quase pegou ela também...!

- E aí, seu João, o senhor ficou com medo de tomar banho no rio quando via Boto?

- Medo? Eu fiquei foi assombrado... Era difícil eu ir na beira, principalmente ao meio-dia e às 6 horas. Nas outras horas, até que eu ia, mas preferentemente acompanhado. Mas minha mãe dizia pra não ir ao meio dia e às 6 horas. Aí, eu só ia se fosse com outras pessoas. Só, eu não ia não! Fiquei como muito, muito medo...!

# Deu no jornal...!

Em 17 de abril de 1996, "A Província do Pará" publicou reportagem assinada por Ulisses Campbell com fotos de José Miranda sob o título "Tradição - Escola Normal faz 125 anos". Além de historiar o conhecido estabelecimento de ensino, a reportagem publicou o "box" aqui reproduzido.

## Visagens e assombrações

A lenda que assustou abençoados de várias escolas durante a década de 80 sucedeu no IEP. A "mulher do algodão", aquela visagem de olhos brancos que usa roupas alvas e freqüente em banheiros femininos com doces cheirinhos de algodão nas narinas foi diplomada em 1916. Trata-se da paraitiana Aurca Barriga.

A professora Vilma Trindade, 44 anos, também ex-aluna do IEP, conta que certa noite ela foi ao banheiro da escola com duas amigas e viu uma mulher com rosto pálido e roupas brancas sair de uma cabine e entrar em outra, trancando a porta. O vulto chamou a atenção porque possuía algodão no nariz. "A gente saiu correndo do banheiro gritando", conta a professora.

Uma semana depois, Vilma foi visitar a sepultura dos pais e deu de cara com a foto da moça que viu no banheiro. Ela já havia morrido e no maquiagem constava o nome completo. Vilma pesquisou a vida da visagem e atestou que ela havia morrido afogada. "Fiquei assustada, mas até hoje não entendo por que ela só frequentava banheiros", afirma.

Dois meses depois, para o desespero de Vilma, ela viu na parede do corredor do IEP a foto da Aurca Barriga, a visagem. A fotografia da ex-aluna consta no quadro antigo de Fernando. Vilma repulhou a descoberta para a escola inteira. Depois de alguns anos a história foi sepultada de vez. "Uma inspetora estúpida e arrogante chamada Iracema



Aurca Barriga, ex-aluna, aparece na escola.

ameaçou as alunas que ficavam contando histórias de visagens provocando pânico na escola", finalizou Vilma.

Outro fato que tumultuava o IEP era quando alguém desapercebia no Manoel Pinto da Silva. O edifício era o preferido para quem queria se matar e de vez em quando um corpo se sepultava no asfalto. Quando isso acontecia, o barulho era grande. Os alunos que tinham coragem corriam para ver. Já os medrosos, ficavam na sala de aula apreensivos. Sempre que ocorria um caso no Manoel Pinto, as aulas eram suspensas. (U. C.)

# Publicações Inspiradas em Visagens

Sob a coordenação de professores ou por iniciativa própria de estudantes e/ou de profissionais de outras áreas, "Visagens e Assombrações de Belém", a série "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia" e "As Incríveis Histórias do Caboclo do Pará" têm inspirado o surgimento de diversos trabalhos. Nesta página, mostramos do que está dito acima.



Primeira história da "Seção Assombração" publicada em GIBI, de 15 de janeiro de 1998.



Livro lançado pela menina escritora Lara Souza Pereira

"Seção Assombração" publicada em GIBI, revista hoje independente, mas antes dominical, de A Província do Pará. Trabalho desenvolvido por alunos da Escola Estadual de 1º Grau Joaquim Viana, sob a coordenação da professora Fátima Gomes, utilizando o livro "Visagens e Assombrações de Belém".



A NOITE É PARA OS MORTOS



Histórias de Icoaraci - de alunos da E. M. Liceu Mestre Raimundo Cardoso (coordenação da professora Débora Gouveia. Ver matéria mais detalhada à página 30).



Visões y Assombraciones, de Belém, trabalho de Conclusão de Curso de Espanhol, da Dra. Terezinha Reis Moreira, baseado principalmente em "Visagens e Assombrações de Belém".

Os Mitos na voz das Crianças (Coordenação da professora Alda Siqueira de Melo), baseado, entre outros, em "As Incríveis Histórias do Caboclo do Pará"

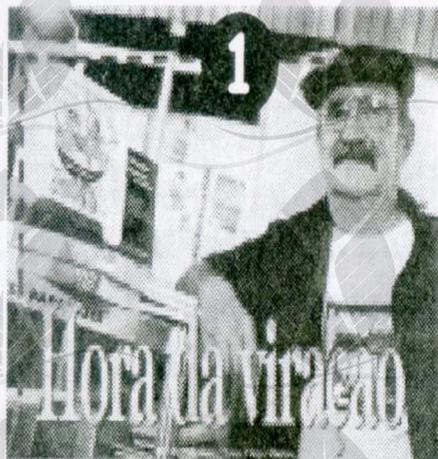
História em quadrinhos de Emilson Issacar, baseada em conto da série "Visagens..."

## VISAGENS NA FEIRA DO LIVRO

# ECOS DA III FEIRA PANAMAZÔNICA DO LIVRO

29 de outubro a 7 de novembro de 1999

A III Feira Panamazônica do Livro foi um dos mais expressivos eventos culturais do ano de 1999. E com a graça de Deus e o apoio de professores, alunos e do público em geral, os trabalhos que visam preservar a cultura amazônica, entre os quais a série "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia" e o livro "As Incríveis Histórias do Caboclo do Pará", de minha autoria, tiveram uma grande saída. Nesta página o registro de alguns momentos da Feira.



Página ao lado:  
Walcyr é o mais vendido.



### LEGENDAS

- 1 Segundo reportagem da TROPPO, revista de domingo do jornal O Liberal, de 21 de novembro de 1999, Walcyr Monteiro foi o autor mais vendido na III Feira Panamazônica do Livro.
- 2 Debate sobre lendas e mitos no Café das Letras com os professores Socorro Simões, da UFPA (IFNOPAP), e Paulo Nunes, da UNAMA.
- 3 Concedendo entrevista ao repórter Paulo Ferrer, da Rádio Cultura.
- 4 Com professora Ana Alice Castro Costa, do NPI - Núcleo Pedagógico Integrado.
- 5 Dando autógrafos para o público mirim

## Palestras

Entre as palestras que proferi, está a realizada na Escola Municipal Liceu Mestre Raimundo Cardoso, modalidade estabelecimento de ensino de Icoaraci, Belém, Pará, a convite da professora Débora Gouveia, no dia 25 de agosto de 1999.

As turmas da 4ª Etapa do Noturno (431, 432, 433 e 434), sob a orientação da professora Débora, de Língua Portuguesa, e baseando-se na série "Visagens, Assombrações e Encantamentos da Amazônia", realizaram importante trabalho de pesquisa em Icoaraci, Outeiro, Cotijuba e Tapanã, coletando histórias que foram consolidadas no interessante trabalho "Histórias de Icoaraci - Visagens, Assombrações e Encantamentos de Icoaraci" - (ver foto da capa do trabalho na matéria intitulada "Publicações Inspiradas em Visagens"). A publicação em questão reúne 34 histórias das mais interessantes e estão reunidas em bonito trabalho encadernado.

O trabalho da professora Débora Gouveia e seus alunos é um exemplo a ser seguido para a preservação da cultura amazônica.



Professora Débora Gouveia e Walcyr Monteiro.



Aspecto do auditório durante a palestra.



Centro de Estudos Novo Horizonte, em Belém (professoras Vânia e Roberta).



Walcyr Monteiro recebendo um exemplar de "Histórias de Icoaraci" de uma aluna da E. M. Liceu Mestre Raimundo Cardoso.

# Viagens - Agradecimentos

Ano passado, de 20 de novembro a 18 de dezembro, viajei pesquisando e coletando as lendas, os mitos, as histórias de visagens, assombrações e encantamentos. Segui de avião para Santarém, onde fui hóspede da Prefeitura Municipal (e aqui aproveito para agradecer ao Secretário Municipal de Cultura, Hélcio Amaral, e ao Prefeito Lira Maia, bem como ao comerciante João Miléo e a todos os que me contaram histórias, pelo apoio recebido); de lá fui para Alter do Chão, voltando e seguindo pelo Rio Amazonas no BM Nádson Jeane VI, com destino a Manaus. Nessa cidade, não posso deixar de agradecer à Livraria e Editora Valer (leia-se Isaac Maciel e Tenório Telles), bem como ao escritor, historiador e folclorista amazonense Mário Ypiranga Monteiro e sua filha Marita Monteiro, esta presidente da Comissão Amazonense de Folclore, pela atenção que me dispensaram. Sou também agradecido ao motorista do cais do porto Sebastião, o "Quarenta", à administração e funcionários do Cemitério São João Batista e a todas as pessoas de quem recebi apoio para meu trabalho. De Manaus segui pela estrada para Caracaraí e de lá para Boa Vista, onde fiquei hospedado na residência de Jairo (Fátima) Barata Júnior. Fazendo aí minha base, mantive contato com os escritores Dorval Magalhães e Aimberê Freitas, e com diversas pessoas que me contaram histórias, e

segui para Pacaraima, na fronteira, seguindo até Santa Elena, já na Venezuela. Retornei a Boa Vista, fui a Bonfim e de lá até Lethem, na Guiana. Voltei a Boa Vista e empreendi a viagem de regresso, passando novamente por Caracará e Manaus, e retornando a Belém de avião. Viagem muito proveitosa, recolhi dezenas de histórias que começo a narrar aqui e que são justamente as três de Santarém: A Cobra Grande de Barreira do Tapará, A Despedida e Malinação de Boto.

A todos os que de alguma forma me apoiaram e informaram, reitero meus mais sinceros agradecimentos, inclusive às pessoas mencionadas no rodapé da história Pacto com o Diabo.



Durante a viagem aqui referida, procurei manter intercâmbio com os demais escritores da Região, realizando troca de livros e, ao mesmo tempo, divulgando o trabalho que realizo. Na foto, o Secretário Municipal de Cultura de Santarém, Hércio Amaral, quando recebia uma coleção de minhas publicações para a Biblioteca Municipal da Pérola do Tapajós.



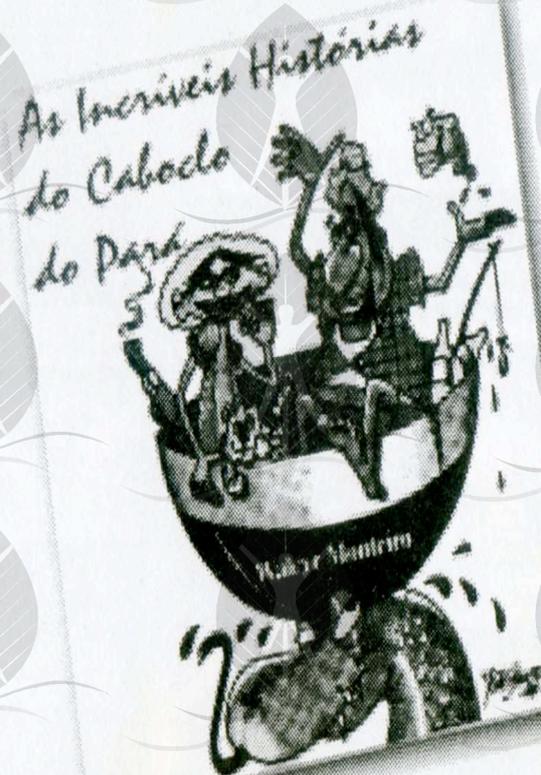
AV. SENADOR LAMEIRA BITTENCOURT, 131  
CEP 68.005-010 - SANTARÉM - PARÁ  
TELEFONE: 522-7164

Ao visitar Santarém, a Pérola do Tapajós, não deixe de ir à Loja Regional Muiraquitã! Lá você encontrará todo tipo de artesanato não só do Baixo Amazonas, como de todo o Estado do Pará. Artesanato de palha, de balata, de cerâmica, de madeira e as famosas cuias pintadas, isto tudo sem falar no atendimento personalizado que receberá de João Miléo, o proprietário. Conheça a Loja Regional Muiraquitã! E sua satisfação estará garantida!



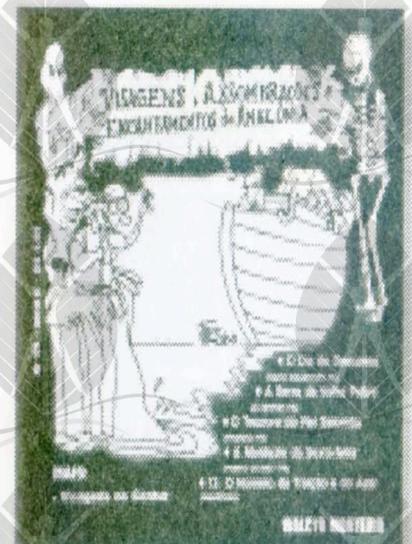
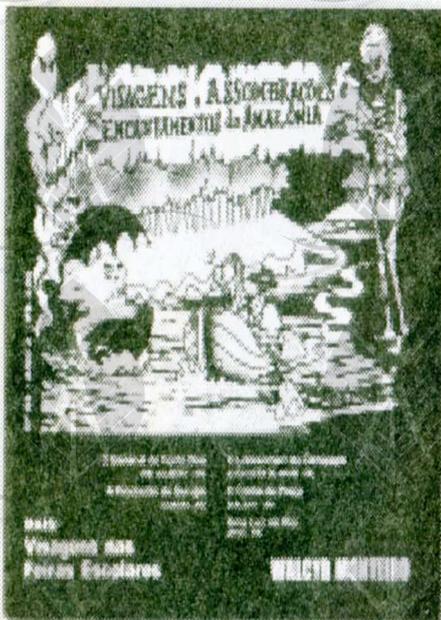
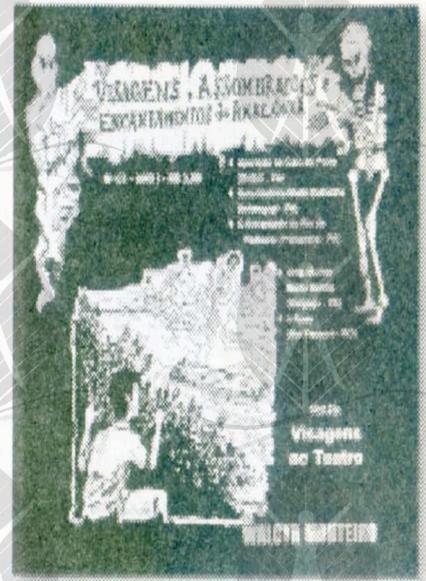
João Miléo,  
em sua loja, pronto para recebê-lo!

## Você já conhece As Incríveis Histórias do Caboclo do Pará?



Então não deixe de ler  
mais este trabalho  
de Walcyr Monteiro  
que resgata a  
cultura popular amazônica!

# Números atrasados...



EM BELÉM: BANCAS DE REVISTAS

NEWS TIME, NO SHOPPING

IGUATEMI, LIVRARIA CASTANHEIRA,

NO SHOPPING CASTANHEIRA,

LIVRARIA MARAJÓ, NO AEROPORTO INTERNACIONAL DE BELÉM,

LIVRARIA JINKINGS, BANCA DO ALVINO. EM SANTARÉM: LOJA REGIONAL

MUIRAQUITÃ

EM MACAPÁ: BANCA DO DORIMAR,

EM MANAUS: LIVRARIA VALER

EM BOA VISTA: BANCA DA VALCIRA E

LIVRO CENTER

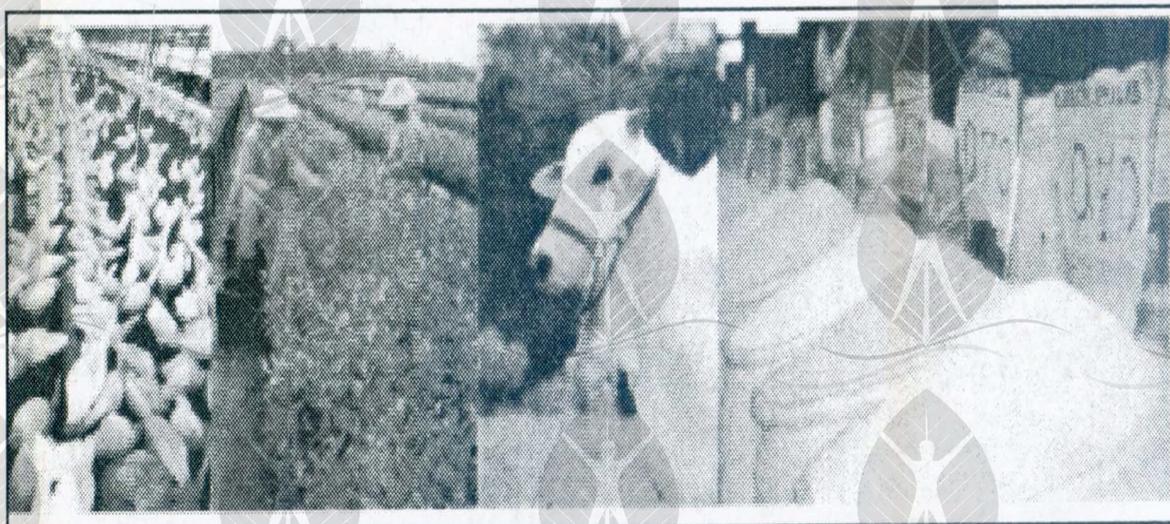
**AGUARDE!!!**



Visagens e  
Assombrações  
de Belém

3ª edição

# ISTO NÃO É LENDA !



É o resultado da aplicação dos recursos do FNO !

**FNO**



**BANCO DA  
AMAZÔNIA**

*O primeiro e único banco da Amazônia*



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA